

OS SÍMBOLOS DA FÉ

185-197

INTRODUÇÃO



Qual é o significado da recitação do “Credo”? Qual é a importância disso para a vida cristã? Uma vez que os símbolos de fé são tão antigos, não estão eles ultrapassados e desatualizados e, por isso, não deveriam ser abandonados? Não bastam os evangelhos para garantir a comunhão na mesma fé? São os símbolos mera elaboração teórica e abstrata sobreposta às Sagradas Escrituras?

Algumas dessas perguntas talvez já tenham sido respondidas pelo estudo já feito. O exame atento dos parágrafos 185-197 do Catecismo ajuda a responder as que faltam e outras que ainda possam surgir sobre o significado e a importância da profissão de fé.

Antes de expor detalhadamente o conteúdo da fé, o Catecismo dedica esses parágrafos para explicar as fórmulas com que os fiéis confessam a fé da Igreja. Começa explicando a relação que há entre tais fórmulas com o Evangelho (186); passa depois para a explanação dos termos que designam essas composições: “profissão de fé”, “credo” e “símbolos da fé (187-188); evidencia a relação dos símbolos com o batismo e a estrutura trinitária deles (189-191); e finalmente apresenta os principais símbolos da tradição católica (192-196).

TEXTO 185-197

SEGUNDA SEÇÃO

A PROFISSÃO DA FÉ CRISTÃ



Os símbolos da fé

185. Quem diz «Creio» afirma: «dou a minha adesão àquilo em que *nós* cremos». A comunhão na fé tem necessidade duma linguagem comum da fé, normativa para todos e a todos unindo na mesma confissão de fé.

186. Desde a origem, a Igreja apostólica exprimiu e transmitiu a sua própria fé em fórmulas breves e normativas para todos (cf. Rm 10,9; 1Cor 15,3-5; etc.). Mas bem cedo a Igreja quis também recolher o essencial da sua fé em resumos orgânicos e articulados, destinados sobretudo aos candidatos ao Batismo.

«Esta síntese da fé não foi feita segundo as opiniões humanas: mas recolheu-se de toda a Escritura o que nela há de mais importante, para apresentar na integra aquilo e só aquilo que a fé ensina. E, tal como a semente de mostarda contém, num pequeno grão, numerosos ramos, do mesmo modo este resumo da fé encerra em algumas palavras todo o conhecimento da verdadeira piedade contido no Antigo e no Novo Testamento» (São Cirilo de Jerusalém, *Catechese illuminandorum* 5,12: *Opera*, v.1. ed. G. C. Reischl (Monaci 1848), p.150: PG 33,521-524).

187. A estas sínteses da fé chamamos-lhes «profissões de fé», porque resumem a fé professada pelos cristãos. Chamamos-lhes «Credo», pelo fato de elas normalmente começarem pela palavra: «Creio». Igualmente lhes chamamos «símbolos da fé».

188. A palavra grega «symbolon» significava a metade dum objeto partido (por exemplo, um selo), que se apresentava como um sinal de identificação. As duas partes eram justapostas para verificar a identidade do portador. O «símbolo da fé» é, pois, um sinal de identificação e de comunhão entre os crentes. «Symbolon» também significa resumo, coletânea ou sumário. O «símbolo da fé» é o sumário das principais verdades da fé. Por isso, serve de ponto de referência primário e fundamental da catequese.

189. A primeira «profissão de fé» faz-se por ocasião do Batismo. O «símbolo da fé» é, antes de mais nada, o símbolo *batismal*. E uma vez que o Batismo é conferido «em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19), as verdades da fé professadas por ocasião do Batismo articulam-se segundo a sua referência às três pessoas da Santíssima Trindade.

190. O Símbolo divide-se, portanto, em três partes: «na primeira, trata da Primeira Pessoa divina e da obra admirável da criação; na segunda, da Segunda Pessoa divina e do mistério da Redenção dos homens; na terceira, da Terceira Pessoa divina, fonte e princípio da nossa santificação» (Cat. Rom. I,1,4, p.20.). São estes «os três capítulos do nosso selo [batismal]» (Santo Ireneo, *Demonstratio apostolicae praedicationis*, 100: SC 62,170).

191. O Símbolo «está estruturado em três partes [...] subdivididas em fórmulas variadas e muito adequadas. Segundo uma comparação frequentemente empregada pelos Padres, chamamos-lhes *artigos*. De fato, assim como nos nossos membros há certas articulações que os distinguem e separam, do mesmo modo, nesta profissão de fé, foi com razão e propriedade que se deu o nome de artigos às verdades que devemos crer em particular e de modo distinto» (Cat. Rom. I,1,4, p.20.). Segundo uma antiga tradição, já atestada por Santo Ambrósio, é costume enumerar *doze* artigos do Credo, simbolizando, com o número dos doze Apóstolos, o conjunto da fé apostólica (cf. Santo Ambrósio, *Explanatio Symboli*, 8: CSEL 73,10-11: PL 17,1196).

192. Foram numerosas, ao longo dos séculos, e correspondendo sempre às necessidades das diferentes épocas, as profissões ou símbolos da fé: os símbolos das diferentes Igrejas apostólicas e antigas (cf. *Symbola fidei ab Ecclesia antiqua recepta*: DS 1-64), o símbolo «Quicumque», chamado de Santo Atanásio (cf. DS 75-76), as profissões de fé de certos concílios (Toledo (XI Concílio de Toledo: DS 525-541); Latrão (IV Concílio de Latrão: DS 800-802); Lião (II Concílio de Lião: DS 851-861) Trento (*Professio fidei Tridentina*: DS 1862-1870) ou de certos papas, como a «Fides Damasi» (cf. DS 71-72) ou o «Credo do Povo de Deus», de Paulo VI (*Sollemnis Professio fidei*: AAS 60, 1968, 433-445).

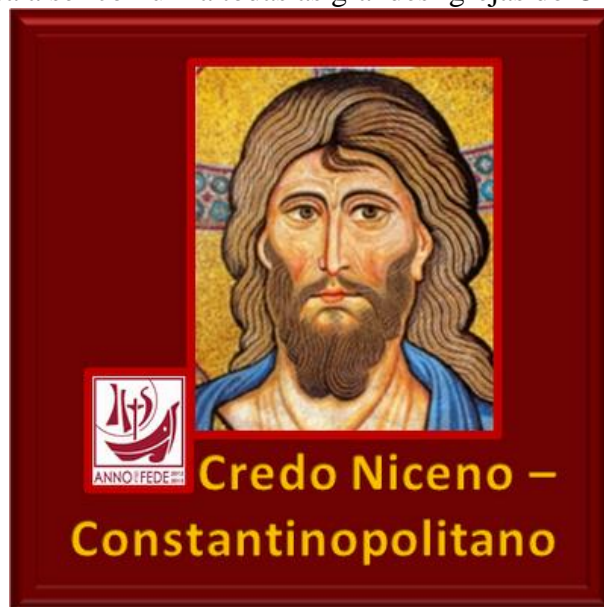
193. Nenhum dos símbolos dos diferentes períodos da vida da Igreja pode ser considerado ultrapassado ou inútil. Todos nos ajudam a abraçar e a aprofundar hoje a fé de sempre, através dos diversos resumos que dela se fizeram.

Entre todos os símbolos da fé, há dois que têm um lugar muito especial na vida da Igreja:



194. *O Símbolo dos Apóstolos*, assim chamado porque se considera, com justa razão, o resumo fiel da fé dos Apóstolos. É o antigo símbolo batismal da Igreja de Roma. A sua grande autoridade vem-lhe deste fato: «É o símbolo adotado pela Igreja romana, aquela em que Pedro, o primeiro dos Apóstolos, teve a sua cátedra, e para a qual ele trouxe a expressão da fé comum» (Santo Ambrósio, *Explanatio Symboli*, 7: CSEL 73,10: PL 17,1196).

195. *O Símbolo dito de Niceia-Constantinopla* deve a sua grande autoridade ao fato de ser proveniente desses dois primeiros concílios ecumênicos (dos anos de 325 e 381). Ainda hoje continua a ser comum a todas as grandes Igrejas do Oriente e do Ocidente.



196. A exposição da fé, que vamos fazer, seguirá o Símbolo dos Apóstolos, que constitui, por assim dizer, «o mais antigo catecismo romano». Entretanto, a nossa exposição será completada por constantes referências ao Símbolo Niceno-Constantinopolitano, muitas vezes mais explícito e pormenorizado.



197. Como no dia do nosso Batismo, quando toda a nossa vida foi confiada «a esta regra de doutrina» (Rm 6,17), acolhemos o Símbolo da nossa fé que dá a vida. Recitar com fé o Credo é entrar em comunhão com Deus Pai, Filho e Espírito Santo. E é também entrar em comunhão com toda a Igreja, que nos transmite a fé e em cujo seio nós acreditamos:

«Este Símbolo é o selo espiritual [...], é a meditação do nosso coração e a sentinela sempre presente; é, sem dúvida, o tesouro da nossa alma» (Santo Ambrósio, *Explanatio Symboli*, 7: CSEL 73,3: PL 17 1193).



REVISANDO TEMAS

Os símbolos são composições que sintetizam de maneira orgânica e articulada, numa linguagem normativa e breve, o essencial da fé da Igreja e o conteúdo da Escritura.

A necessidade de exprimir em fórmulas brevíssimas o conjunto da fé tem suas raízes na própria Escritura. No NT, por exemplo, podemos encontrar confissões de fé que vão desde proclamações e afirmações curtas até elaborações mais desenvolvidas do conteúdo do Evangelho proclamado. Exemplos de proclamações sintéticas são: “Jesus é Senhor” (1Cor 12,3). “Jesus é o Filho de Deus” (1Jo 4,15). “Se tu confessares com a tua boca Jesus como Senhor e creres com o coração que Deus o ressuscitou da morte, serás salvo” (Rm 10,9).

Durante as primeiras décadas, a Igreja nascente condensava o ato de fé em poucas palavras, todas elas com a intenção de confessar simplesmente: “eu creio em Jesus”. Crer em Jesus Cristo era de fato o distintivo da fé das comunidades cristãs que viviam ao interno ou em contato direto com os judeus. Nesse contexto, o que importava era afirmar o Jesus Messias prometido pelas Escrituras. S. Paulo confessa: “entre vós não decidi saber outra coisa a não ser Jesus Messias, e este, crucificado” (1Cor 2,2).

Muito cedo, porém, vão surgindo outras composições mais longas e mais apropriadas para a recitação frequente. Não são fórmulas mágicas nem talismãs, pois pressupõem a colaboração humana que se realiza nos atos de “receber” reverentemente de outros (mais exatamente da Igreja) e de transmitir fielmente aos outros. Trata-se do germe de outros desenvolvimentos, de resumos de muitos ensinamentos; resumos esses compostos com frases curtas bem urdidas num conjunto unitário e por isso fáceis de guardar na memória, de meditar no coração e de recitar em comum. Eis um belo exemplo:

Eu vos transmiti o que havia recebido: *que Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras, e foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia segundo as Escrituras, apareceu a Cefas e depois aos doze; a seguir, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez: a maioria ainda vive, alguns já morreram; em seguida, apareceu a Tiago e depois a todos os apóstolos*” (1Cor 15,3-7).

Outro exemplo encontramos no fim do século I, quando Santo Inácio de Antioquia escreve aos cristãos de Esmirna e lhes expõe sinteticamente o que devem crer para se manter fiéis a Cristo:

Ter a firme convicção de que Nosso Senhor é realmente descendente de Davi segundo a carne, Filho de Deus pela vontade e pelo poder divinos, verdadeiramente nascido de uma virgem; que recebeu o batismo das mãos de João para cumprir toda a justiça; que por nós foi realmente atravessado com cravos na sua carne, sob o domínio de Pôncio Pilatos e de Herodes, o tetrarca; que é o fruto da sua cruz e à sua santa e divina Paixão que nós devemos a vida; e que, pela sua Ressurreição, levantou o estandarte sobre os séculos, a fim de agrupar os seus santos e fiéis – tanto procedentes do judaísmo como da gentilidade – num só e mesmo corpo que é a sua Igreja (*Esmirnenses*, I,12).

Essa citação mostra como tais sínteses não foram criadas como meras invenções literárias, mas estavam finalizadas a ligar vitalmente a atual geração – no ato de recebê-las e recitá-las – à mesma fé dos apóstolos e, através disso, ao Salvador Jesus Cristo. Os símbolos não inventam nada. Tudo o que eles afirmam em suas fórmulas doutrinárias são explicitação do que está implícito no Evangelho.

Outro fator decisivo de desenvolvimento dos símbolos da fé é sua vinculação profunda com a celebração do batismo. Por volta do ano 215, Hipólito nos transmite uma

confissão de fé em forma de diálogo que já tinha se firmado como uma fórmula fixa. Antes de descer às águas do batismo, o catecúmeno renunciava a Satanás e depois, antes das três imersões, professava a fé respondendo às três perguntas:

Crês em Deus Pai onipotente? Crês em Jesus Cristo, Filho de Deus, que nasceu da Virgem Maria (concebido) pelo Espírito Santo, foi crucificado sob Pôncio Pilatos, morreu e foi sepultado e ao terceiro dia ressuscitou vivo dos mortos e subiu ao céu e se sentou à direita do Pai e virá para julgar os vivos e os mortos? Crês no Espírito Santo, na santa Igreja e na ressurreição da carne? (*Traditio apostólica*, 21).

A estrutura trinitária da fórmula batismal mostra como o catecúmeno, ao responder “creio” às três perguntas, entrega sua vida ao Deus Trino e mergulha a sua existência no projeto salvífico do Pai que enviou o Filho e o Espírito Santo. O batismo assinala liturgicamente a conversão existencial ao Deus Trino. O contexto batismal foi, portanto, o meio vital no qual se desenvolveram os símbolos.

A forma dialogal do símbolo batismal é muito significativa. A fé da Igreja é, primeiramente, oferecida a um novo membro. Este por sua vez a faz sua, se apropria dela voluntariamente e por isso entra na comunidade dos que vivem da única fé. Assim a revelação de Deus atinge o seu termo, pois o fiel, com o batismo, recebe a nova vida mediante Jesus Cristo e assim tem acesso ao Pai e ao Espírito Santo.

As catequeses de S. Cirilo de Jerusalém e de Sto. Ambrósio de Milão testemunham um novo passo no desenvolvimento dos símbolos. Depois de superadas muitas etapas, o símbolo da fé era entregue (*traditio*) ao catecúmeno. Essa entrega (*traditio*), porém, não era feita de maneira escrita. Ao catecúmeno era pedido que o memorizasse, pois não se tratava de letra morta a ser simplesmente passada às mãos, mas uma realidade viva a ser transmitida, conservada no coração, meditada constantemente e colocada em prática na vida.

O Símbolo do santo mistério reúne as palavras sobre as quais está edificada com solidez a fé da Igreja, nossa Mãe, apoiada no alicerce seguro, que é Cristo Senhor. Deveis trazê-lo sempre na mente e no coração; deveis repeti-lo nos vossos leitões, pensar nele nas praças e não o esquecer durante as refeições; e, mesmo quando o corpo dorme, o vosso coração continue acordado, por ele (Santo Agostinho).

A *traditio* do símbolo desembocava no rito da *redditio*, uma profissão aberta e pública da fé. Nas Confissões (Lv. VIII), Santo Agostinho narra com emoção como Mário Vittorino aderiu à Igreja.

Em Roma os que estão para entrar na Tua graça normalmente fazem a profissão de fé com uma fórmula aprendida de cor e que depois recitam em um tablado diante dos fiéis. Ele fez a sua profissão da verdadeira fé com imensa confiança e todos queriam abraçá-lo e estreitá-lo ao coração.

Além do desenvolvimento no contexto litúrgico do batismo e catequético do catecumenato, o símbolo evoluiu na direção da afirmação doutrinal. Muito cedo se desenvolveram símbolos que formulavam o dogma cristão. Depois do Concílio de Nicéia (cf. 465), os símbolos assumiram esta nova função: tornaram-se expressão da fé ortodoxa em oposição aos erros e às heresias. Em outras palavras, os símbolos se tornam “regra de fé”.

Atenção: o que é norma de fé? É o critério público e eclesial para discernir a verdadeira revelação comunicada por Cristo à Igreja. Santo Irineu de Lião (aprox. 130-200) desenvolveu este conceito contra os gnósticos que afirmavam possuir revelações especiais acessíveis somente a uma elite.

Por que aconteceu essa mudança? Porque a Igreja é uma realidade viva e obedece à lei da vida. Todo organismo vivo se adapta ao seu meio e reage ao mundo exterior. Mesmo que mude e se adapte, ele permanece o mesmo. O mesmo acontece com a Igreja. Mesmo não sendo do mundo, ela não foi tirada do mundo. Em diálogo com o mundo, a Igreja teve que traduzir a Boa Nova em culturas muito diferentes (judaica, helênica, medieval, moderna e contemporânea), foi desafiada pelos desvios dos que falseavam o Evangelho e precisou expor mais rigorosamente a sua própria fé.

